

Cavaco Silva e a novíssima Arcádia Lusitana



MIGUEL MANSO

Debate Portugal e o 10 de Junho Patrícia Vieira

Num discurso proferido em Elvas a 10 de junho, por ocasião da Sessão Solene das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, Cavaco Silva falou-nos de um país que nem todos conhecemos. O Presidente da República aludiu a um “povo soberano”, “senhor dos seus destinos” e a uma “nação socialmente coesa e confiante no seu futuro.” (1) Seguiu-se um rasgado elogio à preservação do nosso património histórico e, em especial, à transformação da agricultura nas últimas décadas, cujo êxito seria um exemplo paradigmático do desenvolvimento nacional.

Cavaco contrastou o Portugal do passado, marcado por uma vida “muitas vezes no limiar da pobreza e da mera subsistência”, pelas carências alimentares e pelo “êxodo rural para as cidades ou para o estrangeiro”, com um presente de prosperidade, “qualidade” e “diversidade” na alimentação dos portugueses e dinamização do sector primário. Enfim, o Presidente esboçou o quadro de uma novíssima Arcádia Lusitana. É certo que os bucólicos pastores são agora 7800 produtores de nada menos que dois milhões de toneladas de leite por ano (2) e que a melodia das flautas de Pã foi abafada pela maquinaria pesada, que permitiu um aumento exponencial da produção. Contudo, o país fabulado por Cavaco Silva é essencialmente composto por explorações agrícolas de sucesso e monumentos que testemunham um passado glorioso. Neste cenário rural idílico, em que o progresso técnico se uniu à agricultura, habita

uma população empreendedora, bem alimentada, socialmente harmoniosa e (por que não dizê-lo?) feliz.

Não sendo este um discurso do Presidente da República, poderíamos imaginar estar na presença de uma utopia, género literário fundado, na sua versão moderna, pelo inglês Thomas More (1478-1535). No seu livro *Utopia*, More descreveu uma sociedade por ele considerada ideal, em que a riqueza era dividida por todos, e que divergia flagrantemente da Inglaterra da sua época, objeto da crítica do pensador.

Interpretemos então o discurso de Cavaco Silva como se de uma utopia se tratasse. As referências do Presidente a um povo soberano, com confiança no futuro, seriam uma censura à gritante perda de soberania nacional, coartada pelas decisões da *troika*, enquanto a menção de coesão social não poderia deixar de ser entendida como uma crítica à galopante vaga de desigualdade que se tem vindo a exacerbar com o desemprego.

Continuando a considerar as palavras do Presidente da República como a descrição de uma utopia, torna-se claro que o louvor à defesa do património encerra uma crítica velada à decadência dos nossos históricos centros urbanos, progressivamente abandonados. Mais, ao gabar o desenvolvimento agrícola nesta utópica Arcádia Lusitana, Cavaco Silva teria

certamente em mente uma condenação do presente. Senão vejamos: o progresso da agricultura citado pelo Presidente opõe-se ao atual envelhecimento e desertificação das zonas rurais e à emigração de muitos cidadãos para fora do país em busca de uma vida digna; a menção da variada dieta dos portugueses seria uma alusão à fome que afeta um crescente número de famílias; e o elogiado crescimento do sector florestal constituiria uma censura aos constantes incêndios que, Verão após Verão, destroem as nossas matas.

Não sendo Cavaco Silva, no entanto, dado a exercícios literários, teremos que ponderar a possibilidade de o seu discurso ter sido desprovido de ironia. Estaria o Presidente da República a falar a sério? Em que país viverá ele?

Está mais do que na hora de expulsarmos os nossos políticos da sua existência edénica e de os confrontarmos com o país em que vivemos. Enquanto o discurso público oscilar entre uma retórica do sacrifício que apela a formas de religiosidade arcaicas e uma visão utópica deste “pedaço de Europa debruçado sobre o Atlântico imenso”, de clima ameno e povo hospitaleiro (3), o país não sairá da crise. E os portugueses ficarão do lado de fora de qualquer versão de uma Arcádia Lusitana, rural ou agora urbana, com a qualousem ainda sonhar.

1) Esta e todas as outras citações e referências ao discurso de Cavaco Silva foram retiradas do texto reproduzido na Página Oficial da Presidência da República Portuguesa: <http://www.presidencia.pt/?idc=22&idi=74553>

2) Números referidos por Cavaco Silva.

3) Mais uma vez, palavras utilizadas por Cavaco Silva no seu discurso.

Universidade de Georgetown
www.patriciavieira.net

Dia de Elvas e do forte

Debate Património cultural Paulo Ferrero

Aparentemente, terá sido mesmo desta que o nosso património cultural e a sua cabal recuperação viraram, virarão, designio nacional. Em boa hora: no Dia de Portugal e de Camões, no pré-novo Quadro Comunitário de Apoio, preparando o pós-*troika* que há-de vir. *In situ*: em Elvas, acabada de qualificar pela UNESCO como detentora de um roteiro de fortificações património da humanidade, fronteira de mil pelejas e de outras tantas pazes.

Com efeito, o senhor Presidente da República, naquela que foi a primeira alusão ao tema feita publicamente por um alto representante da nação, fez no dia 10 de Junho eco de um sentimento de que muitos outros comungam (aposto que muito mais que os que protagonizam os incontáveis *faits-divers* com que se abrem os teletornais e preenchem as manchetes do nosso quotidiano), ainda que longe dos comités e das comissões e demais púlpitos que excitam comentadores e luminárias: o país só tem a ganhar se abraçar com entusiasmo e dedicação a causa da recuperação do seu património cultural.

É muito simples: ao termos recuperado o nosso valioso património edificado, potenciaremos um sem-número de valias económicas, desde logo em sede um real desenvolvimento regional, que fomenta o orgulho nacional e gira receitas, crie empregos, fixe populações, corporeize uma herança condigna para as novas gerações, numa palavra: que tenha retorno.

Por isso, oxalá a chamada de atenção de 10 de Junho de Cavaco Silva não caia em saco roto ou passe à posteridade como rodapé de noticiário, mas antes tenha sido apreendida pelos decisores locais e nacionais que faziam parte da audiência, e assim a incorporem desde já na sua agenda política, nas negociações e no desenho dos novos fundos comunitários, pois fartos de betão e alcatrão já nós estamos.

E melhor exemplo do que Elvas e as suas fortificações não há. Com Badajoz à vista, claro, que em terras espanholas não há registo ou memória de património como o do nosso Forte da Nossa Senhora da Graça que esteja actualmente ao abandono e ao sabor das intempéries e dos amigos do alheio, à espera que os decisores se decidam sobre o que fazer, como fazer e com quem fazer, o que é por cada vez mais ... evidente. Já chega de hesitações e de tentativas falhadas. Avante!

Membro do movimento cívico Fórum
Cidadania Lisboa